

# A mobilização industrial

Pelo Cap. Heitor Herrera

*A organização industrial do país para atender as solicitações da mobilização, é um problema delicado pela sua própria natureza, empolgante pelo alto nível de suas cogitações e, seguramente, um dos mais importantes para preservar a paz ou garantir, na guerra, a vitória.*

*O Cap. Herrera, que apresenta um estudo sobre tão magno assunto, é um militar culto e habituado a versar questões desta natureza.*

O desenrolar da presente conflagração europeia veio pôr à prova, ainda uma vez, a poderosa influência que a organização industrial exerce sobre o curso das operações, em consequência da importância crescente do elemento material. De vez que o conceito moderno da guerra total se apoia no aproveitamento de tôdas as forças vivas da sociedade, a mobilização da indústria civil se apresenta como um problema elementar da organização da defesa nacional.

Os exemplos de que a História é fértil têm demonstrado, á sociedade, que as previsões, por mais fantásticas que pareçam à primeira vista, ficam sempre aquém das necessidades inadiáveis dos campos de luta. É que, ante o angustioso apêlo do "front", a imaginação da retaguarda ativa mais febrilmente as pesquisas dos laboratórios, dos gabinetes técnicos, dos Estados-Maiores. E novos meios de ataque são lançados na voragem, provocando, dentro da lei fatal, o aparecimento dos correspondentes meios de defesa ou de represália. Êste duelo constante e crescente da inteligência vai se refletir, em última análise, na capacidade produtora das indústrias nacionais.

Durante a grande tragédia de 14-18, pôde-se constatar, ante a eloquência insofismável dos números, a expressão real da voracidade insaciável dos campos de batalha.

O plano XVII francês previra, como encargo inicial da indústria das munições, uma produção diária de 13.000 projéteis

de 75. Mas ainda um mês não se escoara do início da guerra, e já o alto comando constatava, assombrado, que o consumo ultrapassava aquela cifra, de grandezas que se acentuavam dia a dia. Em menos de seis meses, a previsão do consumo era da ordem de 50.000, enquanto que todo o esforço da retaguarda não conseguia ultrapassar 20.000 !

Nas consequências de tal desproporção, não é necessário que nos demorem. Era a própria iniciativa do comando esbarrando em problemas de ordem interna, antes mesmo de tentar impor-se à vontade do inimigo.

Tôdas as soluções foram então tentadas e todos os sacrifícios, impostos. A produção das usinas é forçada, na tentativa angustiosa de aumentar-lhes a capacidade. Todos os recursos industriais são mobilizados, enquanto *as granadas de exercício vão preencher, irrisòriamente, os desesperados claros nas seções de munição.*

Entrementes, o emprêgo das redes de arame passa a exigir novas missões do sobrecarregado material de 75. E o déficit continua, a pesar das ordens reiteradas de economia e do sacrifício do espírito ofensivo, á míngua de apôio de fogo.

Mas a improvisação da indústria das munições começa a produzir seus efeitos. Os projétis não percorrem mais a seriação normal das oficinas de fabricação, e a tirania dos calibres de contrôle passa a ser relegada, na preocupação absorvente de cobrir o déficit. Os resultados não se fazem esperar e os acidentes crescem assustadoramente, inutilizando maior número de peças que o próprio fogo inimigo. “Une fois les hostilités commencées, aucune improvisation ne sera valable”. JOFFRE constatava, no comando em chefe, as suas previsões de dois anos atrás.

Dêste dûelo constante, entre a produção e o consumo, resultou, só na França, quando da assinatura do armistício, uma fabricação diária de mais de 200.000 projétis que, comparada com a previsão de 13.000 do plano XVII, dá bem uma idéia do esforço exigido da capacidade de uma Nação, engajada de tôdas as maneiras e com todos os meios, na defesa de seus princípios.

\* \* \*

No exemplo que alinhavamos acima, apenas foi focalizado o problema do remuniamento da Artilharia. Outros, por certo, de aspectos semelhantes, ofereceriam a produção do armamento, ou da munição de Infantaria ou de carros, ou dos meios da guerra química, enfim, de todos os engenhos que a ciência colocou a serviço de Marte. Entretanto, pareceu-nos aquele mais típico, por estabelecer mais flagrantemente o vulto do capital exigido, comparativamente com o do material a que se destina. Assim, enquanto um canhão de 75 custa cêrca de 500:000\$000, a munição que sua vida permite consumir vale aproximadamente quatro vezes mais; com o armamento portátil, atenta a possibilidade da substituição do cano, tal proporção tende a decuplicar.

\* \* \*

Os recursos atuais do parque industrial brasileiro, dependendo da solução do problema da siderurgia, não permitem que se encare com otimismo a satisfação integral, no momento, de tôdas as necessidades da defesa nacional. Entretanto, além das fábricas militares, muito se poderá obter da cooperação valiosa da indústria civil. E' a magna tarefa da mobilização industrial, em tão bôa hora incentivada pela Diretoria do Material Bélico e já com tão belos frutos colhidos.

Com efeito, ainda que situado no quadro modesto de nosso potencial econômico, já se pode registrar o valor que essa cooperação tende a atingir. Os centros industriais, localizados nos principais Estados da Federação, oferecem um vasto campo de possibilidades, se encarados sob o aspecto da produção bélica.

Entretanto, a avaliação de tais possibilidades, sob os diversos ângulos segundo os quais se apresenta, é tarefa que requer orientação segura, persistência e, sobretudo, cooperação recíproca constante. Parece-nos mesmo que tal empreendimento está a exigir a criação, em cada S.M.B. regional, de uma seção mobilizadora industrial, assistida, pelo menos de início, por um corpo de técnicos, capazes de, examinando detidamente tôdas as fábricas, oficinas, laboratórios, centros tecnológicos, minas, etc., existentes em seu setor — registrar minuciosamente as possibilidades de cada ramo.

E' evidente que muito já se fez nesse sentido, procurando destruir a veracidade da observação contundente de um turista perspicaz: "O povo que menos conhece o Brasil é, paradoxalmente, o brasileiro". Esse desconhecimento — que Savage Landor situava apenas em um ponto de vista geográfico — tinha e tem ainda, sob certos aspectos, uma generalização bem maior. O brasileiro, em regra, sabe pouco e mal das possibilidades de sua terra e de sua gente. As estatísticas oficiais, já com um desenvolvimento apreciável, são pouco difundidas e ainda não conseguiram despertar suficiente interêsse, mesmo entre as classes mais selecionadas.

O resultado dessa ignorância, por parte do particular, de elementos de ordem geral, se apresenta, na indústria, sob um aspecto interessante, de vez que, não havendo uma impressão suficiente, acêrca das possibilidades do conjunto, uma longa série de empreendimentos deixa de ser encarada, consequente da incerteza de realização de determinado detalhe.

Encarando o problema sob o aspecto da produção bélica, essa falsa impressão pode assumir proporções maiores. E' que, sendo as fôrças armadas o único mercado consumidor de tais produtos, há uma natural restrição comercial, cuja maior consequência é manter o pequeno produtor afastado, por completo, de um campo de ação onde, talvez, sua atividade fôsse, ao mesmo tempo, lucrativa e benéfica. Do cobre á fonte acerada; do latão ao aço; da bauxita á galena; do toluol á pirita; da cellulose aos ácidos; de uma peça delicada da espoleta á pólvora negra de seu misto — que vasto campo de ação, que série longa de atividades disseminadas por todo o Brasil, das fábricas aos laboratórios, das minas á mais simples oficina mecânica!

Arrolar, registrar essas realidades; orientá-las cuidadosamente para exploração de suas possibilidades melhores — eis a tarefa inicial. Posteriormente, com visão mais segura do conjunto, entrar na fase das "*encomendas educativas*" distribuidas criteriosamente, visando proporcionar um lucro que permita a ampliação daquelas possibilidades. Êste é o programa defendido pela Diretoria do Material Bélico.

E' bem de ver que o problema é mais vasto não se circunscrevendo ao campo de ação, naturalmente restrito, de um depar-

tamento, mas interessando tôdas as fôrças vivas da Nação. E' que não basta a possibilidade material. A questão mão de obra, com sua crescente especialização, requer providências de outros órgãos; o aspecto financeiro do problema não é menos interessante, considerando não só o vulto do capital necessário, como a respectiva liberdade de emprêgo, ainda por demais emaranhado nos preceitos dos códigos de contabilidade; a orientação técnica, as condições estratégicas de localização das indústrias — são outros aspectos não menos importantes.

Um trabalho meticoloso nesse sentido, empreendido em largas proporções, viria não só aumentar a nossa capacidade productora, como — e principalmente — nos dar uma confiança maior nas possibilidades enormes que existem, dispersas, ignoradas de si mesmas, partes de um todo que ainda se não definiu. Felizmente, fatos já constatados, entre nós, permitem compreender porque, na França, durante a Grande Guerra, uma inofensiva fábrica de bicicletas passou a fornecer, regularmente, uma encomenda de 50.000 fuzís-metralhadoras...

No descortínio dos chefes responsáveis pela eficiência do Exército e pela segurança da Pátria, tais problemas hão de encontrar, por fôrça, a solução necessária, completando a tarefa já iniciada, afim de que possamos, em breve, libertos de todo, construir, dentro do Brasil, com meios brasileiros, os fatores de sua própria segurança e grandeza.

---